

# Antropologia Portuguesa

Volume 22-23 · 2005-2006

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

*Dossier Temático*

**VIOLÊNCIA**

## Recensões

Aguiar, J. 2006. *Lapedo: uma criança no vale*. Porto, ASA. 200 pp.  
ISBN 972-41-4871-8. € 14

Quando os arqueólogos Pedro Souto e João Maurício descobriram os restos ósseos matizados de ocre de uma criança no Vale do Lapedo (Leiria), no Outono do ano de 1998, poucos teriam a ousadia de esperar que o achado ia transformar tão profundamente a perene e visceral discussão em redor das origens do homem anatomicamente moderno. O esqueleto da criança, razoavelmente completo, foi encontrado num abrigo rochoso do Vale do Lapedo, denominado Abrigo do Lagar Velho. A criança, de sexo indeterminado, pereceu com cerca de quatro anos de idade. O corpo, possivelmente envolvido numa mortalha pigmentada de ocre, foi deposto na sepultura com a cabeça voltada para leste e os pés para oeste. Adstritos aos restos ósseos foram encontrados alguns elementos animais e adornos, com inequívoco valor simbólico.

Estes factores, associados à antiguidade dos remanescentes esqueléticos (cerca de 25.000 anos), bastavam para creditar uma importância extraordinária a esta sepultura do Paleolítico Superior. Contudo, o interesse científico e mediático abandonou-se quase em exclusivo à surpreendente hipótese colocada pela equipa que escavou e estudou a criança do Lagar Velho (que incluía, entre outros, João Zilhão, Erik Trinkaus e Cidália Duarte). Concisamente, a hipótese sugerida por este grupo de cientistas admite que esta criança exhibe um mosaico de características morfológicas que resultou, aparentemente, de uma miscigenação regular entre Neandertais e Cro-Magnons, durante a fase crepuscular da existência Neandertal na Europa. Como seria de esperar, esta revelação atordoou a comunidade científica, que prontamente lhe reagiu (com um tropel de criticismo ou afinando panegíricos, conforme o paradigma seguido). De facto, o *menino do Lapedo* cedo se tornou em mais um manancial de discórdia na questão da origem do homem moderno, a mais velha controvérsia no seio da paleoantropologia.

Dos escombros de uma contenda que se mantinha mais ou menos confinada nos limites estreitos da comunidade científica surge *Lapedo: uma criança no vale*, uma obra do romancista e jornalista João Aguiar (autor de uma vasta produção ficcionada, na qual se incluem obras como *O comedor de pérolas*, *A hora de Sertório* e *Inês de Portugal*), que pretende divulgar a importante descoberta do Abrigo do Lagar Velho – sem a secura da nomenclatura científica ou a superficialidade do aparelho mediático jornalístico.

O prólogo do livro de João Aguiar é, conscientemente, ficcionado a partir de circunstâncias factuais, designadamente a morte e enterramento ritual de uma criança. Partindo desta conjuntura, o autor entretece uma “história possível e triste” (p. 21) em redor dos dramáticos eventos que culminaram na morte do *menino do Lapedo*. Aos qualificativos *possível* e *triste* eu acrescentaria *ingénua* e *inverosímil*: o relato da perseguição de um tentilhão pelo *menino* e do seu funesto zénite é infantil – mas sem o brilho dos contos para crianças dos irmãos Grimm ou de Edith Nesbit – e desprovido de qualquer base científica. Mas Aguiar é honesto nas suas intenções. Se o livro, como um todo, não pretende ser um romance (pretende reviver a memória do que foi a história da descoberta da criança); neste preâmbulo a ficção funciona apenas como estratégia de introdução na narrativa de um facto indisputável: a morte de uma criança de quatro anos, inumada no vale do Lapedo há cerca de vinte e cinco mil anos. O propósito explícito de resgatar a história do *menino do Lapedo* do círculo restrito da arqueologia e da paleoantropologia, divulgando-a entre não iniciados, reclama um inevitável aligeiramento dos dados académicos, opacos e indestrinçáveis para o leitor insciente e furtivamente interessado nestas áreas do saber. Desse modo, a insistência de João Aguiar em confessar, de forma clara, a amenização e tempero dos dados científicos com “alguma especulação” (se quisermos ser eufemistas) – lembrando-nos, talvez inconscientemente, que “a realidade não tem a mínima obrigação de ser interessante” (Borges, 1998:123) – valida a intenção do autor em tornar inteligível esta descoberta científica e também de a tornar mais atraente e sedutora ao olhar inexperiente do leigo.

Não obstante o prelúdio ficcionado, neste opúsculo o romancista cede um amplo espaço ao vero episódio histórico que constituiu a descoberta. O autor reconhece que esta não é uma obra de ficção, não é um conto, é uma descrição dos factos colorida com algumas reflexões do próprio Aguiar, por vezes pseudo-científicas e heterodoxas. Como escreveu Aquilino Ribeiro n’*A casa grande de Romarigães*, se “no romance, o escritor escolhe os episódios; na história, são os episódios que se lhe vêm oferecer” (Ribeiro, 1957:9) e o autor de *Lapedo: uma criança no vale*, embora sucumbindo por vezes à tentação de especular sobre os factos e mesmo de os subverter através da ficção, enredou uma narrativa que constitui uma apresentação válida e prestimosa às circunstâncias científicas que envolveram a descoberta, o estudo e a divulgação da sepultura do Abrigo do Lagar Velho.

Os episódios da história começam, pois, a ser revelados: no primeiro capítulo (“25 Mil Anos Depois”) João Aguiar dá uma ênfase compreensível às circunstâncias especiais – quase míticas – que rodearam a descoberta da sepultura do Vale do Lapedo e que envolveram retroescavadoras, bofetadas em alunos desobedientes,

protestos de grupos ambientalistas e uma tese de licenciatura. A escavação de emergência, minuciosa e detalhada, imediatamente preparada por João Zilhão e levada a cabo por Cidália Duarte e Ana Cristina Araújo, contrasta com a sucessão de acasos que motivaram o precioso achamento. O autor refere também o inevitável e crescente interesse do público e dos media sobre os acontecimentos que se iam desenrolando no Abrigo do Lagar Velho. Incidentalmente, Aguiar pontua o texto com a narração sucinta de factos jocosos envolvendo os membros da equipa de escavação, por exemplo:

“(…) numa das paragens (…) para reabastecer o carro de combustível, João Zilhão, ao regressar ao automóvel, depois de ter efectuado o pagamento, tão absorto estava na questão que entrou na viatura errada, um automóvel que se encontrava estacionado a certa distância do seu.” (p. 39).

A intercalação episódica destas pequenas histórias, para além de aliviar a densidade dos factos arqueológicos e paleoantropológicos, alimenta no leitor um sentimento de empatia para com os investigadores e, concomitantemente, para com as hipóteses científicas que defendem. O que, parecendo inócuo, não o é totalmente.

No capítulo seguinte (“Casus Belli”), o escritor introduz definitivamente na narrativa a teoria de que a peculiar morfologia esquelética da criança do Lapedo resultou de trocas génicas intensivas entre Neandertais e homens anatomicamente modernos (o primeiro capítulo termina com uma breve alusão a esta hipótese, formulada inicialmente por Erik Trinkaus). Nesta fracção do texto, Aguiar pormenoriza a teoria da hibridização, define e expõe os factos que a fundamentam e estabelece, também, uma área narrativa para o contraditório. Todavia, a posição do autor não é a do observador neutral. João Aguiar escolhe campo: do lado dos que defendem a origem *mestiça* do menino (p. 59). Mas, diga-se justamente, a sua inclinação não se dissimula na clandestinidade e o escritor assume de forma inequívoca o seu proselitismo. Como exemplo, no capítulo 6 (“Pensando Sobre o Assunto”), Aguiar escreve:

“Embora parte da comunidade científica ainda não aceite esta hipótese (da miscigenação), penso que, tendo em consideração todos os argumentos contra e a favor, é legítimo tomá-la como um dado adquirido (...).” (p. 174) .

Nos capítulos “Ritual, Et Caetera” e “O Discurso dos Sedimentos” as temáticas abordadas são bem mais consensuais. Aguiar foca a sua escrita no ritual de enterramento da criança do Lapedo, considerando-o no conjunto de enterramentos rituais no Paleolítico Superior; e nas condições climáticas, geológicas e ecológicas

do Vale do Lapedo há vinte e cinco mil anos. Nos capítulos subsequentes (“A Leitura Simbólica” e “Pensando sobre o Assunto”), o escritor conduz novamente a narrativa para o campo da especulação consciente. O capítulo 6 (“Pensando sobre o Assunto”), sobretudo, inclui uma série de imprecisões científicas e algumas reflexões algo perturbantes. Refira-se, nomeadamente, o encadeamento da presumível mestiçagem da criança do Lapedo com a inclinação nacional de ir “para a cama com toda a gente” (p. 175) e de criar comunidades mestiças em diversos pontos do antigo império colonial português. Este modelo anacrónico de luso-tropicalismo, adoptado pela propaganda do Estado Novo, é inaceitável do ponto de vista da antropologia coetânea.

*Lapedo: uma criança no vale* insere-se numa longa tradição de obras de vulgarização científica. Escrito por um romancista, fecunda-se das qualidades e lacunas que decorrem dessa condição de surgir da pena de alguém que não provém dos domínios da arqueologia ou da paleoantropologia. A divulgação científica é parte elementar do processo de conhecimento do mundo e, desse modo, o livro de João Aguiar constitui um importante e prático roteiro (apesar de, por vezes, pecar pela propensão especulativa do autor) de introdução a uma das mais importantes descobertas arqueológicas alguma vez feitas em Portugal.

#### **Outras referências:**

Borges, J.L. 1998. *Ficções*. Lisboa, Teorema.

Ribeiro, A. 1957. *A casa grande de Romarigães*. Lisboa, Círculo de Leitores.

#### **Francisco Curate**

Departamento de Antropologia  
Universidade de Coimbra  
3000-056 Coimbra, Portugal  
f\_curate@yahoo.com

Appadurai, A. 2004. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa, Teorema. 304 pp. ISBN 972-695-612-9. € 18,90

Consciente da necessidade de renovar ferramentas conceptuais por parte da Antropologia contemporânea, sob pena desta se tornar obsoleta face ao ritmo frenético das transformações sociais em grande escala que se operam nos dias de hoje, Arjun Appadurai reflecte, nesta obra, sobre a dimensão actual de alguns conceitos fulcrais para a ciência antropológica, nomeadamente o conceito “cultura”.